

APRESENTAÇÃO

A relação entre linguagem, educação e tecnologia desde muito desperta interesse e tem sido explorada com diferentes enfoques e a partir de uma multiplicidade de perspectivas. Os artigos reunidos neste volume testemunham o atual amadurecimento, sofisticação e complexidade desse campo de estudo.

Deparamo-nos hoje com uma riqueza de estudos que investigam a tecnologia em sua interface com a esfera educacional, como é o caso de *Multiletramentos e usos das tecnologias digitais da informação e comunicação com alunos de cursos técnicos*, de Hércules Tolêdo Corrêa, Daniela Rodrigues Dias, ambos da Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais. Nesse artigo, os autores discutem o uso das tecnologias digitais por alunos de um curso técnico, ancorados nas teorizações vinculadas aos multiletramentos, mostrando a necessidade de repensar o protagonismo da tecnologia, a fim de que o foco possa recair nos sujeitos em construção e em seu potencial de transformar a realidade por meio de práticas *situadas* em contexto de diversidade cultural. Quando se trata de tecnologia e educação, portanto, a questão central não se reduz à presença das novas tecnologias no espaço educativo, mas se volta principalmente à integração das tecnologias em sala de aula e à realização de ações transformadoras.

Paul Molyneux e Renata Aliane, ambos da Universidade de Melbourne, Austrália, exploram os cruzamentos entre linguagem, educação e tecnologia, ao analisarem outras formas de diversidade cultural. Em *Texts, Talk and Technology: The Literacy Practices of Bilingually-Educated Students*, os autores assinalam a importância de práticas linguísticas e letradas, em contextos educacionais bilíngues, na vida dos filhos de imigrantes na Austrália. São poucos os estudos que investigam o papel das novas tecnologias na vida de crianças muito jovens, até mesmo pelas dificuldades

metodológicas, e essa contribuição destaca o significado e a valorização de práticas multilíngues e multiletradas por alunos com cinco a nove anos de idade em escolas bilíngues, envolvendo textos, oralidade e tecnologia,.

Se as novas tecnologias não são veículo exclusivo da língua inglesa, como apontam Molyneux e Aliani, elas ao menos fazem parte do crescente domínio dessa língua internacionalmente, como evidencia o artigo *Mongolian students' digital literacy practices: the interface between English and the internet*. O estudo de Daariimaa Marav, da *National University of Mongolia*, busca evidenciar como, na Mongólia, a inclusão digital passa pelo acesso ao inglês, restrito à classe média urbana. Estudantes universitários do interior têm acesso mais restrito às novas tecnologias antes de ingressarem na faculdade, permanecendo nessa situação de limitação também durante os estudos, principalmente devido ao igualmente limitado conhecimento da língua inglesa. Marav apresenta um quadro teórico inovador, que integra estudos de letramento às teorias de capital social, cultural e econômico de Bourdieu, repensado no contexto da globalização.

Na sequência, também explorando a ligação entre língua inglesa, educação e tecnologia, o artigo *Descoleções e remixes na aprendizagem de língua inglesa: um estudo de caso em uma escola pública*, de Lesliê Vieira Mulico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, e Junot de Oliveira Maia, da Universidade Estadual de Campinas, mostra como essa língua pode ser apropriada por alunos da escola pública brasileira por meio de diferentes formas de produção e aprendizagem. Os autores teorizam como descoleções e remixes podem evidenciar-se como instâncias de aprendizagem colaborativa na produção de um trailer na sala de aula de língua inglesa. Ao mesmo tempo, o estudo questiona o que encontra em foco no uso de recursos *on-line* – elementos formais, visuais e estéticos, ou “conteúdo” linguístico?

No artigo seguinte, *Uma outra aprendizagem é possível: colaboração em massa, recursos educacionais abertos e ensino de línguas*, Vilson Leffa, da Universidade Católica de Pelotas, RS, adota uma visão mais ampla para analisar o desenvolvimento da concepção didática das tecnologias na aprendizagem de línguas, culminando na discussão sobre instigantes inovações, como os Recursos Educacionais Abertos. Conforme mostrado no artigo precedente, aqui também as possibilidades de adaptação, flexibilidade e receptividade são elementos chaves do uso didático das novas tecnologias. O estudo empírico do uso por professores de um recurso aberto novo mostra que, além de novas possibilidades, é preciso haver novas práticas por parte dos docentes, para que mudanças significativas se façam mais visíveis em termos das interações promovidas em sala de aula.

A tecnologia como linguagem é objeto da contribuição Vera Lúcia Menezes Oliveira e Paiva, da Universidade Federal de Minas Gerais. Em *A linguagem dos emojis*, a

autora traça a história dessas figuras usadas para expressar emoções na comunicação *on-line*, situando os *emojis* dentro de uma visão da língua como um sistema complexo em constante transformação. De forma exemplar, a autora destaca a popularização dessa nova modalidade de linguagem, suas funções sociais e propriedades linguísticas, bem como as variações culturais e visuais provocados pelo contexto e sistema de visualização.

Em *Letramento hipertextual: um amálgama de letramentos demandados em cursos on-line*, Regina Cláudia Pinheiro, da Universidade Estadual do Ceará, e Júlio César Araújo, da Universidade Federal do Ceará, abraçam uma proposta de expansão conceitual, voltando-se à problematização da ideia de letramento hipertextual, a partir dos estudos das práticas de letramento mobilizadas por sujeitos elaboradores de material didático destinado ao ensino *on-line*. Partindo da compreensão de que esse letramento como práticas sociais mediadas pelo hipertexto, pelas quais uma multiplicidade de outros letramentos é articulada para a produção de sentidos, os autores advogam em favor de uma educação que vá além do foco no letramento tradicional e que favoreça o desenvolvimento do letramento hipertextual, mostrando que o simples acesso às tecnologias digitais não é suficiente para uma aprendizagem efetiva.

A relação entre linguagem, educação e tecnologia é amplamente explorada no artigo seguinte, em que Nara Hiroko Takaki, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, igualmente propõe a expansão do conceito de multimodalidade, investigando-o a partir do pensamento de fronteira. Adotando a noção de multimodalidade de transfronteira, a autora discute produções, envolvendo o uso tecnologias digitais de alunos de um Cursos de Letras, buscando refletir acerca de suas compreensões em relação aos cenários político-educacionais brasileiros na atualidade. Reiterando conclusões de artigos anteriores, *Epistemologia-ontologia-metodologia pela diferença: locus transfronteira em ironia multimodal* nos mostra que, para a materialização de um processo efetivo de aprendizagem e transformação, é preciso fortalecer o espaço de reflexão sobre língua/linguagem e tecnologia, em uma perspectiva formativa.

Buscando contribuir para a formação de professores e gestores, Maria de Fátima Silva Amarante e Eliane Righi de Andrade, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP, junto a Eliane Fernandes Azzari, da Universidade Estadual de Campinas, voltam-se à complexa ligação entre identidade e tecnologia para refletir sobre a constituição identitária dos sujeitos educacionais. Estudos foucaultianos fornecem o principal aporte para a análise do discurso midiático-digital a partir de postagens na rede social *Facebook*. Problematizando e contrapondo questões que remetem a poder, regulação, liberdade, hierarquia, controle, normalização, individualidade, comunidade, entre tantos outros aspectos, as autoras compartilham,

em *EFL Brazilian teachers in the hypermodern world: prêt-à-porter subjects, social media and discourse*, seu entendimento de que o funcionamento observado na comunidade investigada evidenciou marcas de um mecanismo disciplinar que serve aos interesses de uma sociedade consumista, na qual processos de subjetivação se estabelecem a partir de bases hedonista e narcisistas.

O sujeito em sua relação com a tecnologia no pós-humanismo é o foco de *Um corpo tecnorgânico para a era da cibercultura: efeitos sobre o sexo e o gênero*, artigo de Dina Maria Martins Ferreira e Tibério Caminha, ambos da Universidade Estadual do Ceará, que discutem teorias que servem aos estudos do corpo, gênero e sexualidade. Partindo do pressuposto de que o ciberespaço abre possibilidades para a constituição de novos padrões de comportamento sexual, os autores enfatizam a natureza multidimensional da sexualidade. O fenômeno da cibercultura é também discutido, sendo um ponto central nas reflexões a relação entre significação, real e virtual. O instigante desafio colocado pelo texto é a indagação: que implicações a cultura da alta tecnologia tem na sexualidade de seus sujeitos?

Mantendo o foco na questão da sexualidade, o volume se encerra com seu retorno à relação entre linguagem, educação e tecnologia, com o artigo *Posicionamentos interacionais de sexualidade e de gênero: o caso de um blog de alunas/os de um Instituto Federal*, de Valéria Rezende Pereira, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais. A autora parte da análise de um *blog* criado por estudantes de um Instituto Federal, legitimado como um espaço favorável à discussão de questões de interesse da comunidade *gay*. Por situar-se no contexto *on-line*, envolvendo discursos produzidos por estudantes em ambientes paralelos à escola, a pesquisa relatada contribui para discussões sobre letramento escolar em sua interface com o universo da *web*. Essas contribuições mostram-se significativas na medida em que expõem a relevância de práticas que integrem os contextos *on-line* e *off-line*, bem como a potencialidade dessa interseção no sentido de dar lugar à reconstrução de conhecimentos, discursos e subjetividades.

Com o texto comemorativo *Sobre o Manifesto Pedagogy of multiliteracies: designing social futures – 20 anos depois*, desejamos a todo/as uma boa leitura.

Cláudia Hilsdorf Rocha (Universidade Estadual de Campinas)
Joel Austin Windle (Universidade Federal Fluminense)